

# ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO AGÜINHA: O TRABALHO DO BARRO E DA PEDRA<sup>1</sup>

Paulo Roberto da Silva Ruiz<sup>2</sup>  
Neide Barrocá Faccio<sup>3</sup>

**Resumo:** O conhecimento acerca da população pretérita que habitou o Sítio Arqueológico Agüinha foi obtido por meio de seus vestígios materiais. Foram recuperados e analisados 5702 fragmentos cerâmicos, 11 vasos inteiros e 111 líticos lascados. Com a análise destes elementos da cultura material podemos inserir o grupo que ocupou o sítio no sistema regional de ocupação guarani do Baixo Paranapanema Paulista.

**Palavras-chave:** Arqueologia, cultura material, tradição guarani, indústria cerâmica, indústria lítica.

## ELEMENTS OF THE MATERIAL CULTURE IN THE ARCHEOLOGICAL SITE AGÜINHA: CLAY AND STONE WORKS.

**Abstract:** The knowledge about ancient populations who lived in the Archeological Site Agüinha was obtained by means of their material vestiges. Saved materials totalized 5702 ceramic fragments, 11 whole vases and 111 lithics. Analyzing these material culture elements one can insert the group that occupied the site in the Low Paulista Paranapanema Guarani Regional Occupational System.

**Key Words:** Archaeology, material culture, guarani tradition, ceramic industry, lithic industry.

### 1 - Introdução

O Sítio Arqueológico Agüinha está localizado às margens do rio Paranapanema, lado paulista, no município de Iepê. Possui as coordenadas geográficas 22° 11' 25" S e 51° 27' 52" W.

Este sítio está inserido na área do Projeto Paranapanema (ProjPar), que visa estudar as ocupações humanas pretéritas ao longo

<sup>1</sup> Pesquisa de iniciação científica financiada pela Fapesp.

<sup>2</sup> Graduando do 4º ano do curso de geografia FCT/UNESP – Presidente Prudente. End. Av. João Domingos, 115 – H. Salvador CEP 19100-010 Presidente Prudente - SP. E-mail: silvaruiz@bol.com.br.

<sup>3</sup> Professora do curso de graduação em geografia da FCT/UNESP. End. Rua Roberto Simonsen, 305, Centro Educacional. CEP 19060-900 Caixa Postal: 467. Presidente Prudente - SP. E-mail: faccio@stetnet.com.br.

da bacia hidrográfica do rio Paranapanema, lado paulista. O projeto está vinculado à Universidade de São Paulo com parcerias firmadas com outras universidades, dentre elas a Unesp (Câmpus de Presidente Prudente).

O Sítio Aguiha está localizado em área onde predominou as ocupações de grupos guarani, no período anterior a 1500. Reconhecer se este sítio integra o Sistema Regional de Ocupação Guarani é uma contribuição importante para as pesquisas do ProjPar.

Os vestígios provenientes do sítio são a cerâmica e o lítico. Estes materiais são muito resistentes, tornando-se, dessa forma, os únicos elementos da cultura material preservados da população pretérita. Assim, sua análise se torna imprescindível para o conhecimento de parte da história da população que os confeccionou.

A cerâmica é o vestígio material mais abundante nos sítios pré-históricos da área do ProjPar. Mas esta é geralmente coletada fragmentada e numa menor quantidade inteira. O Sítio Aguiha apresentou 5702 fragmentos cerâmicos passíveis de análise e 11 vasos inteiros.

O material lítico lascado passível de análise totalizou 111 unidades. Total bem inferior ao material cerâmico. Isso já nos aponta que a população do sítio utilizava muito mais a cerâmica do que o lítico. Desta forma, podemos inferir que eram agricultores sedentários.

## 2 - O Sistema Regional de Ocupação Guarani do Vale do Rio Paranapanema

Para distinguir os achados arqueológicos dos grupos conhecidos etnograficamente, na década de 60 os pesquisadores do Pronapa (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica) passaram a se referir a esta tradição como Tupiguarani (sem hífen). Morais (2000) alega que não foi boa a invenção do rótulo "Tupiguarani". Segundo ele, jamais deveria haver preocupação em separar o que é arqueológico daquilo que é etnográfico, dando a impressão de que a arqueologia é a especialidade dos cacos e a etnologia dos índios.

Acrescenta Morais (2000, p. 87): "Porque não encarar um Sistema Regional Guarani e um sistema Regional Tupinambá, desdobrando a arqueológica (e artificial) Tradição Tupiguarani". A influência das propostas do Pronapa está presente em 70% da bibliografia arqueológica Guarani, adverte Noelli (1993). Desta forma, os autores divergem a respeito da dita Tradição Tupi e Guarani. Baseado em Brochado (1984) e Morais (2000) é adotada a divisão da Tradição Tupinambá e Tradição Guarani.

Vários autores associam a Tradição Guarani a ocupações ceramistas. Estas populações tornaram-se sedentárias com a introdução da agricultura e a utilização de cerâmica (principalmente para fins alimentares). Há diferentes teorias acerca do surgimento desta tradição. A mais aceita é o modelo onde Brochado (1984) propõe que, a partir de

um nicho originário amazônico, teríamos dois movimentos migratórios de orientações diversas: os proto-guarani e os proto-tupinambá. Pelo ano 100 da era cristã a cultura ou subcultura Guarani já se encontrava bem estabelecida no sul do Brasil e ao redor do ano 500 a cultura ou subcultura Marajoara chegou ao nordeste brasileiro. A expansão para leste da cultura Guarani no sul do Brasil foi lenta e se desenvolveu em vagas sucessivas, de cada vez, cobrindo áreas maiores do território. A expansão da cultura Tupinambá para o sul foi pelo contrário rápida e linear, movendo-se ao longo da estreita faixa costeira. Cerca de quinhentos anos antes da chegada dos europeus as duas mandíbulas das frentes de expansão Guarani e Tupinambá se chocaram finalmente numa fronteira situada ao sul do curso do Tietê.

Um dos fatores mais importantes dos constantes deslocamentos desses grupos é a vasta rede fluvial presente em toda a abrangente área de expansão. Os rios tiveram uma importância decisiva neste aspecto pela facilidade em percorrer grandes extensões. Todo o território brasileiro é muito marcado pela presença de rios como o Amazonas, Paraguai, Paraná, Tietê, entre outros. O rio Paranapanema é parte integrante desta via fluvial que se torna condutor a várias outras regiões.

...esta tierra és toda montuosa y a grieta a cuya causa se iba de um lugar a outro por rios, que los hay muy grandes; y em estos parajes, el rio Paraná que és el que comunmente llaman de la Prata, tiene por algunas partes a dos leguas de ancho (MONTROYA, 1989, p. 59).

Segundo Lowie (apud Scatamacchia, 1990) as tribos típicas das florestas tropicais da América do Sul deslocavam-se em canoas, e graças a essa mobilidade puderam atravessar áreas aparentemente pouco acessíveis. Para o índio possuidor de uma técnica naval desenvolvida, quase toda a zona tropical e parte da temperada da América do Sul estão ligadas por grandes vias fluviais fáceis de percorrer.

Devido a esta grande facilidade de locomoção proporcionada pelos rios e o conhecimento da navegação, as várias regiões eram habitadas. A região do Vale do rio Paranapanema foi enormemente povoado pelos indígenas até o momento da chegada dos europeus, conforme relata Teodoro Sampaio numa expedição pelo rio Paranapanema em 1886:

Por toda a parte se nota sinal da presença do índio que nos espreita mas que nunca aparece. As estreitas e compridas canoas atadas a pequenas varas à margem do rio, a vereda misteriosa que vem ter à água se embrenha pela mata sombria, as armadilhas e laços no alto da barranca para a caça abundante e esquiua, uma pequena canoa tripulada que desponta longe, no fim do estirão, e que subitamente desaparece, tudo nos diz que estamos

em pleno domínio dos silvícolas (SAMPAIO, 1979, p. 115)

Conforme Robrahn Gonzáles (apud FACCIO, 1998) a região do vale do rio Paranapanema aparece como divisão territorial entre os guarani ao sul e os Tupi/Tupinambá ao norte. Traçando uma linha reta entre Iquitos do rio Maranhão, no Peru e a cidade de São Paulo, teremos ao sul o Guarani que preferiu a zona temperada e ao norte o Tupi que preferiu a zona tórrida (AYROSA, 1967 apud SCATAMACCHIA, 1990).

As razões que teria feito este grupo se deslocar da floresta amazônica em busca de outra mata no sul do Brasil devem ser buscadas na pressão demográfica e expansão das populações dentro do território e as secas periódicas provocadas pelo El Niño (SCHMITZ, 1999).

Índios Guarani, portadores de cultura característica da região florestal em que as atividades de subsistência incluem as lidas de caça em combinação com o tamanho da terra, se estabeleceram, sempre que possível, no meio da mata evitando a paisagem aberta dos campos. As suas aldeias, longe de constituírem conglomerados compactos de populações, consistem em casas isoladas mais ou menos distantes umas das outras, espalhando-se por áreas abertas da floresta (SCHADEN, 1974).

Schaden (1974) escreve que as habitações Guarani eram muito sólidas, resistentes às intempéries por muitos anos, apesar de serem amarradas com cipós. Schmitz (1999) contrapõe esta interpretação, opinando que a construção da habitação era pobre e o conteúdo também. As aldeias não duravam mais que alguns anos em um mesmo local, pois a palha apodrecia rápido, o piso se enchia de lixo e os terrenos ao redor viravam capoeira imprestável. É difícil acreditar que os Guarani, povo que consolidou um sistema regional de povoamento em tão vasto território, pudessem ter uma organização espacial tão precária em termos de habitação e de *design* de assentamento. O escrito de Schmitz é mais adequado a certas situações pós conquista européia com os guaranis debandados, fugitivos e espoliados pelo poder colonial espanhol e português (MORAIS, 2000).

Buscar o passado é muito difícil pois conta-se apenas com os vestígios encontrados. Mas é relativamente fácil escrever a pré-história dos Guarani por conhecermos sua história desde os primeiros encontros com os europeus até o seu confinamento nas reservas atuais. Se esta última parte da história é construída sobre documentos escritos, entrevistas e convivência, a primeira é elaborada a partir do estudo de tapetas de suas aldeias abandonadas há séculos e dos restos materiais que nelas ficaram, especialmente recipientes cerâmicos (SCHMITZ, 1999).

### 3 – Ambiência geográfica do Sítio Arqueológico Agüinha

Todo ser vivo desenvolve sua demarcação territorial de uma forma ou de outra na tentativa de delimitação de um espaço dentro do

qual ele exerce suas atividades funcionais, decorrentes de sua maior ou menor especialização encefálica. A ocupação de um determinado espaço habitacional por uma espécie viva decorre, portanto, de uma habilidade de escolha em função de um "*optimum*" de meio ambiente natural: este meio selecionado é escolhido através de uma série de operações decorrentes das necessidades da espécie, com exigências tanto mais requintadas quanto maior o desenvolvimento encefálico (PALLESTRINI, 1978).

As pesquisas arqueológicas na margem paulista do Rio Paranapanema vêm demonstrando que o homem pré-colonial escolheu unidades geográficas para estabelecer assentamentos de acordo com as atividades que pretendia desenvolver. A forma do relevo, as reservas de rochas, as fontes de argila, a proximidade de água e a vegetação são fatores que o homem verificou antes de instalar seu assentamento em um determinado espaço (FACCIO, 1998).

Segundo Noelli (1993), raros são os sítios que estão além dos 400 metros acima do nível do mar ou distantes de cursos d'água. Praticamente não são encontrados sítios fora de áreas florestadas.

Os grupos ceramistas da Mesorregião da Capivara ocuparam vertentes suaves, na maior parte dos casos, áreas de terra fértil (terra roxa). Eventualmente instalaram suas ocupações em área de terraço. Estes assentamentos estão sempre próximos a um rio ou ribeirão, corredeiras, fontes de argila, nascentes de água, depósitos de cascalheiras ou afloramentos de arenito silicificado intra trapiano (FACCIO, 1998).

Os Guaranis escolheram predominantemente ambientes com clima sem estação seca, tipo cfa (úmido mesotérmico subtropical com verões calorosos), com temperatura média mais fria entre 10-21°C, pluviosidade média entre 1200 e 2020 mm (NOELLI, 1993).

Conforme Scatamacchia (1990), examinando o mapa de distribuição da subtradição guarani, podemos ver que os grupos buscaram uma adaptação ecológica compatível com o seu modo de vida, já formado e desenvolvido na região amazônica, buscando os lugares de vegetação de bosque subtropical chuvoso.

As características ambientais influenciam nas populações humanas. Assim, nas populações pré-históricas isto não seria diferente:

A adaptação ao meio onde a simples denominação de uma forma zoobotânica não implica na existência de um aglomerado vegetal, mas de um complexo, determinará uma nova adaptação com alteração, inovação e/ou associação de outros elementos que irão a seu tempo alterar os comportamentos culturais para a satisfação de suas necessidades sem a alteração profunda dos princípios da cultura (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 5).

Ainda segundo estes autores:

A vida do grupo guarani está condicionada a um tipo de formação zoobotânica, a floresta subtropical que, entretanto, não será igual em toda sua extensão. Ela mais se assemelha a um complexo vegetal do que a um aglomerado. Possuirá locais ideais, regulares e ruins para a ocupação humana. Haverá nichos onde as condições serão as ideais, mas haverá lugares que por força de situação grupal deverão ser ocupados, contudo, sob o aspecto ambiental comprometido. Aí o resultado cultural será bem inverso, em termos tecnológicos dos demais. O que temos diante de nós hoje é um quadro plano onde vemos um conjunto que a nós cabe dar relevo e profundidade cronológica, além das diferenças culturais havidas em função de um comportamento ambiental e de injunções possíveis de outros grupos (BROCHADO & LA SALVIA, 1989, p. 20).

A população que ocupou o Sítio Arqueológico Agüinha instalou-se nas proximidades de um grande rio (o Paranapanema), fonte de argila, terras férteis (para o plantio), cascalheira, corredeira, águas espriadas e lagoas.

A Mesorregião da Capivara, onde está localizado o Sítio Arqueológico Agüinha, insere-se no Planalto Ocidental Paulista que, por sua vez, insere-se no Vale do Paranapanema situado em terrenos que, geologicamente, fazem parte da grande Bacia Sedimentar do Paraná (CESP, 1974 apud FACCIO, 1998). Segundo Morais (2000) o Planalto Ocidental Paulista apresenta testemunhos de um dos grandes episódios vulcânicos que afetou o planeta na Era Mesozóica (cerca de 130 milhões de anos atrás).

De acordo com o IPT (1981) o Planalto Ocidental se encontra sobre rochas do grupo Bauru, que é constituído por diversas formações, predominantemente areníticas, em afloramentos descontínuos, exceto ao longo dos rios Paranapanema e Pardo onde afloram extensivamente (FACCIO, 1998), ao lado de afloramentos de basalto, que se localizam junto às calhas destes rios.

No Pontal do Paranapanema a área rebaixada dos chapadões ocidentais paulista passa a incidir sobre estruturas cada vez mais antigas que a formação Bauru; a princípio, no pontal e no extremo norte do Paraná, são os arenitos da formação Caiuá e depois, os basaltos do terceiro Planalto Paranapanema, que foram afetados pelo rebaixamento erosivo e pela pediplanação neogênicos (AB'SABER, 1969 apud PASSOS, 1988).

O Vale do Paranapanema, como todo o território da Província de São Paulo, à exceção da grande nesga do litoral banhada pelo Atlântico, faz parte da grande bacia hidrográfica do Prata de que é ele um tributário de ordem secundária. Afluente do Paraná que no

tríplice sistema do Prata representa a artéria maior, o Paranapanema tem os seus caracteres essenciais moldados nas feições peculiares desta parte da Bacia (SAMPAIO, 1979, p. 117).

O Rio Paranapanema, principal via de comunicação e transporte, fonte de matéria-prima e alimentação dos antigos habitantes, está encaixado, segundo Almeida (1964), em uma bacia alongada no sentido noroeste do mergulho regional das camadas, na qual, em longos trechos, o basalto encontra-se descoberto, tornando as águas mais rápidas em alguns pontos, formando numerosos saltos e corredeiras. Os saltos e corredeiras são locais apreciados pelos índios. São inúmeras as ocupações guarani evidenciadas em suas proximidades na área do Projeto Paranapanema. O Sítio Arqueológico Agüinha é apenas mais um caso. O basalto que em alguns trechos encontra-se descoberto foi utilizado no âmbito do Sítio Arqueológico Agüinha na elaboração da pedra polida.

O estudo de um sítio arqueológico deve ser encarado interdisciplinarmente, reunindo os esforços do arqueólogo, do historiador, do geógrafo, do geólogo, etc, articulando e relacionando os vários estudos realizados por diferentes profissionais. Reunir esforços para recompor o meio ambiente e a história social e cultural dessas populações perdidas é o papel do arqueólogo e, também, segundo Gladfelter (1977) fornecer-nos um legado do meio ambiente primitivo, sujeito a padronização e a interpretação, exatamente com os artefatos, em relação a atividades pré-históricas.

#### 4 - Análise do Material Cerâmico

##### 4.1 - Análise dos Fragmentos Cerâmicos

Para a análise dos fragmentos cerâmicos do sítio, foi adotada uma ficha elaborada especialmente para a área do ProjPar (FACCIO, 1998). Dentre os itens presentes nesta ficha consideramos: a classe, o tipo e a espessura do antiplástico, a espessura da parede, a queima, o tratamento de superfície, a decoração, o estado de conservação, o tipo de borda, o tipo de lábio e a forma dos vasos reconstituídos.

Os fragmentos cerâmicos, estudados em laboratório, apresentaram as seguintes classes:

- \* 4725 fragmentos de parede (82,86%);
- \* 503 fragmentos de borda (8,9%);
- \* 213 fragmentos de parede angular (3,7%);
- \* 121 fragmentos de base (2,1%);
- \* 101 fragmentos de borda com parede angular (1,77%);
- \* 18 fragmentos de suporte para tampa (0,31%);
- \* 4 fragmentos de base, parede e borda (0,07%);
- \* 4 fragmentos de borda com suporte para tampa (0,07%);

- 3 fragmentos de parede e base (0,05%);
- 3 fragmentos de bolota de argila (0,05%);
- 2 fragmentos de parede com suporte para tampa (0,03%);
- 2 parede angular com furo de suspensão (0,03%);
- 1 fragmento de polidor de sulco (0,01%);
- 3 fragmentos não identificados (0,05%).

Os tipos de antiplástico presentes no material analisado foi o mineral associado ao caco moído.

Na **tabela 1** observa-se a frequência dos tipos de antiplásticos na indústria cerâmica do Sítio Arqueológico Agüinha.

**Tabela 1:** Frequência do Antiplástico. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Espessuras	Mineral	Caco Moído
0,10 a 0,2 cm	3821	4779
0,21 a 0,4 cm	1151	835
0,41 a 0,6 cm	475	60
0,61 a 1,0 cm	236	18
1,10 a 2,0 cm	19	-
Total	5702	5692

Uma característica importante neste atributo se faz presente devido ao fato de uma grande parcela dos fragmentos apresentarem o antiplástico na superfície e também, pelo fato de uma parcela destes serem muito grossos.

A frequência da espessura da parede da indústria cerâmica encontra-se na **tabela 2**.

**Tabela 2:** Frequência da Espessura da Parede. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Espessura	Frequência	%
0,21 a 0,6 cm	27	0,52
0,61 a 1,0 cm	1008	17,68
1,10 a 3,6 cm	4663	81,8
Total	5702	100,00

Quanto à queima constatou-se que ela foi feita em fogueiras a céu aberto, devido a irregularidade apresentada em uma mesma peça. Desta forma, um mesmo vaso apresentou vários tipos de queima.

As marcas de uso foram verificadas em um número reduzido de fragmentos. Em 5685 fragmentos não foram identificadas as marcas de uso. Em 7 fragmentos identificou-se a fuligem na face interna. Em 10 fragmentos identificou-se a fuligem na face externa.

Os fragmentos encontram-se em bom estado de conservação, pois pode-se constatar a presença de pintura e engobo.

Ocorreram 503 casos de fragmentos de bordas, distinguindo-se a presença de 14 tipos. Dentre elas destacou-se a direta inclinada interna com 33,6% dos casos, seguida da extrovertida inclinada

interna com 21,07% dos casos e da extrovertida inclinada externa com 13,51% dos casos (**tabela 3**).

**Tabela 3:** Frequência dos Tipos de Bordas. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Tipos de borda	Frequência	%
Cambada	22	4,38
Carenada	28	5,58
Contraída	9	1,8
Direta inclinada externa	19	3,8
Direta inclinada externa com suporte para tampa	4	0,79
Direta inclinada interna	169	33,6
Direta inclinada interna com ponto angular	2	0,39
Direta inclinada interna com reforço externo	17	3,37
Direta inclinada interna com reforço interno	6	1,19
Direta vertical	47	9,34
Extrovertida inclinada externa	68	13,51
Extrovertida inclinada externa roletada	2	0,39
Extrovertida inclinada interna	106	21,07
Extrovertida inclinada interna reforçada externa	4	0,79
<b>Total</b>	<b>503</b>	<b>100,00</b>

Quanto a forma dos lábios das bordas; notamos o predomínio do arredondado (88,78%), seguido do apontado (7,17%) e do plano (4,05%) (**tabela 4**).

**Tabela 4:** Frequência dos Tipos de Lábios. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Tipos de lábio	Frequência	%
Apontado	38	7,57
Arredondado	436	86,67
Plano	29	5,76
<b>Total</b>	<b>503</b>	<b>100,00</b>

Das 503 bordas analisadas apenas 60 delas (11,9%), possibilitaram a reconstituição gráfica da forma da vasilha. Quanto à forma dos vasos, houve o predomínio da tigela rasa (48%) seguida da tigela funda (33%), (**tabela 5**).

**Tabela 5:** Frequência das Formas dos Vasos Reconstituídos. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Forma dos vasos	Frequência	%
Prato	4	7
Tigela rasa	29	48
Tigela funda	20	33
Vaso profundo	7	12
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100.0</b>

Constatou-se no estudo desta indústria cerâmica a presença de três tipos cerâmicos: a simples, a decorada (plástica e pintada) e a com engobo. A cerâmica simples foi a mais freqüente, representando 82,91% dos casos. A decoração com motivo plástico esteve presente em 9,05% dos casos. As peças com engobo representam 4,12% dos casos. As peças com pintura representam 3,92% dos casos. Em 0,76% dos casos não foi possível identificar a decoração.

É característica da decoração plástica a ocorrência na face externa dos fragmentos. A decoração pintada ocorreu tanto na face interna como na externa do vaso.

#### 4.2 - Vasos Inteiros

Os vasos cerâmicos, como verificado anteriormente, estão associados a fins alimentares, ligados à área doméstica. Mas, é marcante a evidência da utilização de vasos cerâmicos nos sepultamentos entre os guarani. Inúmeras escavações evidenciam urnas funerárias de cerâmica, com outros vasos menores dentro e/ou com tampa. Este costume de enterramento foi muito bem descrito pelo padre espanhol Antônio Ruiz de Montóya, quando entrou em contato com indígenas da região do Vale do rio Paranapanema no século XVI:

Juzgaban que al cuerpo ya muerto acompañaba el alma en su sepultura, aunque separada; y así muchos enterraban sus muertos en una grandes tinajas, poniendo un plato en la boca, para que en aquella concavidad estuviese más acomodada el alma, aunque estas tinajas las enterraban nasta el cuello. Y cuando a los cristianos enterráramos em la tierra, acudia al disimulo uma vieja com um cedazo muy curioso y pequeño, y muy al disimulo traia el cedazo por la sepultura, como que sacaba algo; com que decían que em él sacaban el alma del difunto para que no padeciese enterraba com su cuerpo (MONTROYA, 1989, p. 78-79).

No Sítio Agüinha foram recuperados 11 vasos inteiros. Destes, cinco fazem parte de um contexto de enterramento. São uma tigela funda e dois vasos profundos usados como urnas funerárias. Duas

miniaturas foram encontradas dentro de uma das urnas, provavelmente objeto de oferendas no enterramento.

A **tabela 6** sistematiza os dados apresentados para as peças inteiras do Sítio Agüinha.

**Tabela 6:** Informações dos Vasos Inteiros do Sítio Arqueológico Agüinha, Município de Iepê, São Paulo

Forma do vaso	Altura	Diâmetro da boca	Decoração	Origem
Vaso profundo	32 cm	46 cm	Corrugado	Escavação
Vaso profundo	53 cm	56 cm	Liso com borda corrugada	Escavação
Vaso profundo	26 cm	32 cm	Liso	Doação
Vaso profundo	64cm	1,40 cm	Pintado	Escavação
Tigela funda	10 cm	16 cm	Liso	Doação
Tigela rasa	11.5 cm	28 cm	Engobo branco/liso	Escavação
Tigela rasa	7 cm	18 cm	Engobo branco	Escavação
Miniatura	---	---	---	Escavação
Miniatura	---	---	---	Escavação
Miniatura	---	---	---	Doação
Miniatura	---	---	---	Doação

Para a confecção destes vasos utilizou-se o antiplástico mineral associado ao caco moído. Entre estes vasos, está presente uma grande urna funerária - considerada a maior do Estado de São Paulo, até o momento evidenciada.

#### 5 - Análise do Material Lítico Lascado

Para a análise do lítico lascado, efetuada em laboratório, adotou-se a ficha tecno-tipológica elaborada por Morais (1987). A análise tecno-tipológica objetiva a leitura e classificação de todos os objetos líticos que integram o encadeamento: massa primordial (matéria-prima), matriz, talhe, debitagem, retoque e artefato.

A indústria lítica do Sítio Arqueológico Agüinha apresenta uma tecnologia pouco elaborada. A população deste sítio não se dedicou intensamente à arte da confecção da pedra lascada. Isso pode ser bem explicado com os dados da análise dos líticos lascados que foram recuperados na área do sítio.

Analisando a distribuição da indústria lítica pela categoria objeto/tipo/suporte, percebe-se a maior ocorrência de resíduos, seguidos pelos seixos e fragmentos de seixos.

Esses três produtos da indústria lítica correspondem a 73,89% do total de peças classificadas nesta categoria de análise (**tabela 7**).

**Tabela 7:** Distribuição da Indústria Lítica Segundo a Categoria da Análise Objeto/Tipo/Suporte. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Objeto/Tipo/Suporte	nº peças	%
Lasca	2	1,80
Lasca cortical	3	2,70
Lasca siret	2	1,80
Núcleo	3	2,70
Percutor Fragmentado	4	3,60
Fragmento de Percutor	2	1,80
Seixo	22	19,81
Fragmento de seixo	14	12,62
Seixo fragmentado	11	9,91
Resíduo	46	41,46
Chopper	2	1,80
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>100,00</b>

Entende-se por resíduos, objetos que fazem parte da indústria lítica, mas que não puderam ser classificados nas categorias de massa primordial, matriz, produto de talhe, debitage ou retoque (MORAIS, 1983).

No sítio foram encontrados 2 artefatos de chopper (tabela 7). Segundo Vilhena-Vialou (1986), o que define um artefato é primeiro o retoque e depois a forma.

O chopper (1,80%), de acordo com Movius (apud LAMING-EMPERAIRE, 1967) é um utensílio de bloco, trabalhado em parte de uma só face. Quando o chopper é feito de um seixo, o bordo de preensão é constituído pelo córtex do seixo. Admite-se que o chopper é uma ferramenta destinada a lascas ou a cortar por percussão, lascada unifacialmente e parcialmente, de fabricação grosseira. Esse utensílio é uma das criações humanas mais primitivas (LEROI-GOURHAN, 1983).

Na **tabela 8** pode se observar as matérias-primas utilizadas no Sítio Agüinha. O arenito silicificado, o basalto e o sílex foram as rochas mais utilizadas, respectivamente.

**Tabela 8:** Tipos de Matéria-Prima. Sítio Agüinha, Iepê, São Paulo.

Matérias-Primas	nº peças	%
Ametista	1	0,9
Arenito Silicificado	47	42,2
Arenito Silicificado/quartzo	1	0,9
Basalto	29	26,5
Calcedônia	8	7,2
Calcedônia/ Intrusões de Quartzo	6	5,3
Quartzo	2	1,8

Sílex	13	11,6
Sílex/ Intrusões de Quartzo	3	2,7
Não identificado	1	0,9
<b>Total</b>	<b>111</b>	<b>100</b>

As principais matérias-primas utilizadas nesta indústria lítica são o arenito silicificado, o basalto, a calcedônia e o sílex. Alguns seixos apresentaram em sua composição mais de uma rocha: arenito silicificado com intrusões de quartzo; sílex com intrusões de quartzo; calcedônia com intrusões de quartzo.

Os únicos instrumentos de pedra lascada nos quais foi possível a identificação de marcas de utilização foi o percutor (5,4% - representado por fragmento de percutor e percutor fragmentado) e o chopper (1,8%), que se caracterizam por serem os únicos instrumentos, dos quais se pode ter certeza quanto a suas funções: a fabricação de outros instrumentos; raspar ou cortar respectivamente.

Pelo alto número de resíduos, argumenta-se que o sítio poderia ser uma oficina onde somente ficaram os resíduos e os artefatos foram utilizados em outra localidade.

## 6 - Conclusões

No Baixo Vale do Paranapanema paulista, desde que foram iniciadas as pesquisas arqueológicas em 1968, constatou-se a presença de 3 tipos de ocupações humanas: os caçadores-coletores (cerca de 7000 anos), os ceramistas (cerca de 1000 anos) e os históricos (final do século XVI e início do século XVII). É marcante a presença de vestígios de culturas pretéritas ao longo do leito do rio Paranapanema em seu lado paulista. São evidências de ocupações caçadoras-coletoras (representada pelo grande número de pedras lascadas), de ocupações ceramistas sedentárias (aqui evidenciada pelo seu vestígio mais significativo: os inúmeros fragmentos de vasos cerâmicos) e as ocupações históricas (que nos trazem traços de elementos de fusão entre diferentes culturas).

O Sítio Arqueológico Agüinha localiza-se numa área que começou a ser pesquisada de forma intensiva a partir de 1991, quando 41 locais de assentamentos ou de ocorrências de materiais arqueológicos foram levantados, prospectados e em parte escavados. Num contexto maior a região está inserida dentro da área do ProjPar, que estuda todo o vale do rio Paranapanema, lado paulista, desde 1968. As pesquisas nesta área têm apontado para a hipótese de um Sistema Regional de Ocupação de grupos indígenas guarani.

A Mesorregião da Capivara, onde está localizado o Sítio Agüinha, apresentou condições propícias para a instalação de ocupações de grupos humanos pré-coloniais. A região é marcada por elementos naturais atrativos para a fixação humana, representados pela